

Prof: O meu primeiro prémio, o meu primeiro prémio foi “ Uma família Inglesa” de Júlio Dinis, foi o primeiro prémio que eu recebi.

Adelaide: Qual a razão para a atribuição desse prémio?

Prof: Ah! Porque eu era o melhor aluno da turma a Português.

Fausto: E enquanto estudante, sempre foi bom aluno?

Prof: Hum... sempre fui bom aluno, a quase tudo, mas nunca gostei de Matemática!

///

Telmo: Quando era criança, qual era o seu maior sonho?

Prof: Sempre sonhei ser poeta.

Emília: E já escreveu poesia?

Prof: Sim, já escrevi quatro livros de poesia.

///

Armando: E livros infantis? Quando começou a escrever?

Prof: Iniciei-me na escrita de livros juvenis quando a minha filha, porque eu tenho uma filha, começou a ler e a escrever e então quando ela começou a ler e a escrever eu comecei a escrever livros juvenis.

Aurora: Qual o seu primeiro livro juvenil?

Prof: O meu primeiro livro juvenil foi “ Uma história com muitas letras”.

Juliana: E quantos livros é que já escreveu, aproximadamente?

Prof: Quantos? Cerca de 40, aproximadamente 40.

Lúcio: Também escreve para adultos?

Prof: Para adultos? Um ou outro livro, mas prefiro... o que eu gosto mesmo é de escrever para crianças. Para jovens e para adultos, não muito. Vou escrevendo, mas . . .

Matilde: E porquê? Porque é que escreve essencialmente para crianças?

Prof: Hum... Tenho um espírito aventureiro e adolescente e este espírito aventureiro faz-me lembrar a minha infância, remete-me para a minha infância e é por isso que escrevo para crianças, porque eu considero-me, apesar dos meus 56 anos, uma eterna criança. - - - Têm mais alguma pergunta? - - Então, a Vânia disse que já tinha ouvido falar de mim, não já?

Vânia: Já.

Prof: Mas não conhecem os meus livros?

Vânia: Não.

Prof: Então, eu, como sou um escritor muito simpático, //Risos// trouxe alguns dos meus livros para vocês conhecerem. Vou precisar da ajuda do menino mais alto da turma, que acho que é o Afonso, não é? Não quer vir ajudar-me, Afonso?

Afonso: Sim

[O Afonso levanta-se e vai ter com a professora.]

[A professora pega no primeiro livro]

Prof: Eu até vou começar pelo fim. Este, “A ilha do chifre de Ouro” foi o último livro que eu escrevi e este livro talvez não esteja tanto direccionado para crianças, talvez seja um daqueles livros que eu escrevi para adultos. [A professora entrega cada um dos livros ao Afonso, que os coloca por cima do quadro]. – Depois trouxe também ” Histórias pequenas, de bichos pequenos” - -; “ Um menino chamado menino” - -; “Maldita Matemática!”; mas sabem que depois de escrever este livro até me comecei a relacionar melhor com a Matemática, somos amigos!; “O homem que não queria sonhar” - -; “Hipopóptimos, uma história de amor”; “Isto é que foi ser”; - - depois trouxe também “ Os três presentes”; trouxe outra edição de “ Os três presentes” com ilustrações diferentes; trouxe “Três histórias de amor”; Outra edição de “Isto é que foi ser” , podes colocar ao lado da outra edição, por favor ; “O rapaz que voou três vezes”; “O reino perdido”; “O limpa-palavras e outros poemas” , um livro lindíssimo e por último “A menina curiosa”. Ora estes são apenas alguns dos livros que eu escrevi.

Afonso: Posso-me sentar, professora?

Prof: Podes. - - Olhando assim para eles, há algum que eventualmente vos suscite curiosidade?

Áurea: “A menina curiosa”.

Prof: Joaquim?

Joaquim: “A ilha do chifre de Ouro”.

Prof: “A ilha do chifre de Ouro”, muito bem!

Vasco: “Maldita Matemática”

Prof: Maldita Matemática"! Vânia?

Vânia: “O reino Perdido”.

Prof: Ora, todos estes livros estão na nossa Biblioteca, por isso se eventualmente estiverem interessados, podem ir à Biblioteca e requisitar. Aliás vocês até podem adicionar ao vosso portfólio a bibliografia de Álvaro Magalhães, para depois no final do ano ficarem também com a informação sobre este autor. E como eu não quero que fiquem sem um suporte, sem um registo eu vou distribuir a bibliografia de Álvaro Magalhães que vocês vão ler muito silenciosamente e

vão verificar se na bibliografia encontram as respostas a todas as perguntas que me foram feitas e se por acaso há na bibliografia alguma informação sobre o autor que não tenha sido mencionada.

[Os alunos lêem silenciosamente a Bibliografia de Álvaro Magalhães]

Prof: Gostava que olhassem para a listagem dos livros de Álvaro Magalhães, no último livro onde devia dizer “A Ilha do Chifre de Ouro”, não diz, diz do “Chfre”. Peço desculpa, acrescentem um “i” por favor. É na parte de trás da ficha informativa. Então, alguém encontrou alguma informação que eventualmente não tivesse sido referida aqui? Ninguém? Lurdes?

Lurdes: Onde e quando nasceu.

Prof: Muito bem, muito importante. Isto até está relacionado com todos nós Onde é que ele nasceu?

Lurdes: No Porto.

Prof: E onde vive?

Lurdes: No Porto

Prof: Portanto ele é da nossa cidade. Diz Emília?

Emília: É nosso vizinho.

Prof: É nosso vizinho, exactamente! – E eu apresentei aqui o Álvaro Magalhães porque é um grande escritor português, e uma grande escritora foi também a escritora que escreveu a última obra que vocês estudaram aqui, em Língua Portuguesa. Qual foi a última obra que vocês estudaram aqui, em Língua Portuguesa?

S29

Emília: “O Rapaz de Bronze”.

Prof: E quem escreveu “O rapaz de Bronze”? Vasco?

S30

Vasco: Sophia de Mello Breyner.

Prof: Muito bem. Sophia de Mello Breyner, que é também uma escritora muito importante, uma escritora Portuguesa muito importante. Ora, as últimas aulas que vocês tiveram foram sobre do Rapaz de Bronze. Alguém ainda se lembra do nome do último capítulo de “O rapaz de Bronze” ?

S31

Fausto?

Fausto: “A Festa”.

Prof: E na festa vamos escolher apenas duas personagens desse capítulo. Quais é que vocês acham que foram as personagens mais importantes do capítulo “A Festa”? Telmo?

S32

Telmo: A Florinda e o Rapaz de Bronze.

Prof: Muito bem. Então eu vou ler uma coisa que vocês já ouviram aqui na aula, mas é só para refrescar a memória. No último capítulo de “O Rapaz de Bronze”, “A Festa”, Florinda diz assim a certa altura “De noite tudo é diferente” e depois mais à frente o Rapaz de Bronze diz “As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras , porque há um País que é a Noite e um País que é o Dia”. – Então, “De Noite tudo é diferente”, o que é que Florinda queria dizer com isto? Armando?

Armando: Que de noite as flores dançavam e passeavam pela floresta e de dia estavam sempre fixas à terra.

Prof: E o Rapaz de Bronze diz “Porque há um País que é a Noite e um País que é o Dia”. Há dois países diferentes? São dois países diferentes?

Alunos: Nãããã

Vasco: São.

Professora: São, Vasco, Porquê?

Vasco: Porque à noite as flores podem passear e de dia não podem passear porque as pessoas estão a passear no jardim.

Prof: Muito bem. Então o que é que era a noite para as pessoas?

Alunos: Era o dia.

Prof: Ou seja, a noite era o dia das flores, enquanto que para nós o dia é o dia. Ou seja, a noite era o dia das flores. Quando o Rapaz de Bronze diz que “há um País que é a Noite e um País que é o Dia” refere-se precisamente a quê? - - Quando ele diz que “há um País que é a Noite e um País que é o Dia” ele não quer dizer que estamos em dois países diferentes, não são tempos diferentes. Então, Vasco, disseste que a Noite era o quê para as flores?

Vasco: Era o dia.

Prof: É precisamente esse o tema da nossa Unidade: “A Noite é o dia das coisas”. E ao longo destas duas aulas vamos trabalhar dois textos que estão relacionados com esta temática: “A Noite é o dia das coisas”. [A professora coloca uma cartolina no quadro com o título da Unidade Didáctica]

///

Prof: Então “A Noite é o dia das coisas” e em “O rapaz de Bronze” a noite não era o dia das coisas, mas era o dia de quê?

Alunos: das flores.

Prof: Aqui não vamos falar de flores, vamos falar de coisas, coisas, que podem ser objectos... e relativamente a este tema, entre estas obras [A professora aponta para os livros expostos por cima do quadro] encontra-se a obra que eu escolhi, e da qual retirei um poema que vamos estudar hoje que está relacionado com esta temática. Alguém, só assim, eventualmente quer dizer só para ver se acerta? Aurora?

Aurora: “O Reino Perdido”.

Prof: Podes jogar no Totoloto. Acertou. É precisamente de “O Reino Perdido” que eu retirei o poema que hoje vamos estudar e que se intitula “À Noite”. Voltando atrás àquelas frases que eu li que foram ditas pelo Rapaz de Bronze e pela Florinda, para que mundo é que este “À Noite” nos poderá remeter?

Vasco: Um mundo mágico.

Prof: De que é que falará mais este poema? Quando vocês pensam “À Noite”, em que é que pensam? Quando ouvem a palavra “noite” em que é que pensam?

S33

Armando: Dormir.

Joaquim: Silêncio.

Aurora: Sonhos.

Telmo: Pesadelos.

Prof: Muito bem. Será que este poema retratará também, um país diferente, tal como no Rapaz de Bronze?

Fausto: Não.

Prof: Porque é que achas que não?

Fausto: - -

Prof: Então vamos ver., vamos ver se retrata ou não, um país diferente. Vou distribuir uma folha para vocês colocarem o tema da Unidade, colocam na capa. - - Vamos ver se há ou não semelhanças. Vamos fazer silêncio

[A professora lê o texto]

Prof: Vocês não têm aí a Ilustração, mas a ilustração do poema é esta [A professora mostra a ilustração do poema, no livro, aos alunos]. Este ambiente que é descrito, de que é falado aqui no poema, tem alguma coisa em comum com a noite na obra “O Rapaz de Bronze”?

Fausto: Fala dos sonhos.

S34

Prof: Dos sonhos. É descrito o mesmo ambiente que era descrito no Rapaz de Bronze?

Alunos: Não.

Prof: Não. Mas é uma noite diferente também, não é?

Alunos: Sim.

Prof: É uma noite diferente porquê?

Joaquim: É uma noite de sonhos.

Prof: É uma noite de sonhos. O que é que o sujeito poético fazia durante a noite?

Alunos: Sonhava

Prof: Mas...

Lurdes: Sonhava muito.

Prof: Sonhava tanto que os sonhos não cabiam, onde?

Alunos: Em casa.

Prof: Então vamos olhar para o poema e ver por quantas estrofes é composto?

António: Duas.

Prof: Contem os versos que cada estrofe tem.

António: A primeira tem sete.

Prof: E a segunda?

Alunos: Quatro.

Prof: Ninguém tem dúvidas do que é uma estrofe? Toda a gente sabe o que é uma estrofe?

Alunos: Siiiiim

Prof: Então temos um poema composto por duas estrofes, uma composta por, Telmo?

Telmo: Sete versos e a outra com quatro.

Prof: Então, agora, vamos precisar de silêncio. Neste poema, há sons, que se vocês prestarem bem atenção, há sons que se repetem, quando digo sons, digo sons de letras que se repetem. Eu vou ler novamente [A professora lê novamente o poema]. Vocês vão reler, agora, silenciosamente e até, de cor diferente, vão sublinhar aqueles sons que vocês acham que se repetem mais, quando vocês lêem cada palavra qual é o som que fica, assim, mais no ouvido? Têm que ler com muita atenção. [Os Alunos lêem silenciosamente o texto]. António?

António: Eu acho que é a palavra “Sonhos”.

Prof: E na palavra “sonhos”, qual é o som que fica, assim, mais no ouvido?

António: O /s/.

Prof: O /s/, muito bem. Logo no primeiro verso diz, “ quando o Sol”

Alunos: O /s/.

Prof: “chegava”.

S35

Alunos. O /f /.

Prof: “o pai corre fechos”.

Alunos. /f /.

Prof: “Persianas”.

Amadeu: O /s/.

Prof: Então se vocês repararem os sons que se repetem mais são os sons /s/ e o som?

Alunos: /f /.

Prof: Então, agora vão sublinhar todas as palavras em que esses sons se acentuam mais.

Lurdes: Só as que tem um “s” ou um “ch”?

Prof: Não só. Por exemplo, deixa-me ver...

Vasco: “luz”.

Prof: Por exemplo. “Luz” que tem o som /f / e é com um “z”. Então, vão sublinhar todas as palavras com o som /s/ e o som /f /. ---

[Os alunos procuram as palavras no texto.]

Prof: Ora, para o som /s/?

Amadeu: Persianas.

[A professora vai escrevendo no quadro as palavras que os alunos vão dizendo.]

Prof: Mais?

Telmo: Sol.

Prof: João Pedro?

António: Sonhos.

Prof: Angelina?

Angelina: Simples.

Prof: Simples!

Joaquim: Encerra.

Prof: “Encerra” para que som?

Joaquim: para o /s/.

Lurdes: “Mistérios” para o /f /.

Aurora: Chegada.

Prof: E logo no início, ainda para o som /f /?

Vânia: Fechos.

Emília: Chave.

Prof: Chave, muito bem. Há outros ainda... Ou seja, todos estes sons, o som /s/ e o som /f /
/// O poema é composto por uma série de palavras que são importantes para a compreensão
do poema. Se nós tivéssemos que colocar estas palavras numa balança... Todas as palavras que
estão aqui no poema, se tivéssemos que pesar estas palavras, o que é que poderíamos dizer? O
poema é composto por palavras?

Vasco: Pesadas.

Prof: Pesadas. Só pesadas?

Telmo: E leves.

Prof: E as palavras leves estão relacionadas com que?

Joaquim: Nuvens.

Vasco: Sonhos.

Prof: Nuvens, sonhos, brisa... Mas, agora voltando a “ O Rapaz de Bronze”. A noite no Rapaz de
Bronze era o dia das flores e o que é que a noite significava para as flores?

Lurdes: Movimento.

Vânia: dia.

Fausto: Liberdade.

Prof: Ou seja, estas palavras leves significarão também Liberdade. E as palavras pesadas?
Significarão o que?

Lúcio: Pesadelos.

Prof: Pesadelos!

Emília: Prisão.

Prof: Prisão. Então vamos fazer um levantamento das palavras que vocês consideram que são
leves e as que consideram que são pesadas e vamos fazer uma lista de quatro palavras leves e
quatro que são pesadas. Quatro palavras leves que vocês acham que estão relacionadas com
liberdade e quatro palavras pesadas que vocês acham que estão relacionadas com prisão. - - -

Prof: Matilde?

Matilde: Luz.

Prof: Vânia?

Vânia: Sonhos.

Graça: Manhã

Prof: Palavras pesadas? Amadeu?

Amadeu: Trancar.

Prof: É uma palavra pesada porquê?

Amadeu: Tem a ver com prisão.

Prof: Muito bem.

Telmo: Chave.

Prof: Chave, porquê Telmo?

Telmo: Serve para trancar.

Fausto: Fechos.

Joaquim: Persianas.

Prof: Então, agora, se vocês repararem bem em “O rapaz de Bronze” falava-se em dois mundos diferentes. Um país que é o dia e um país que é a noite. Agora, de certa forma ali [A professora aponta para o quadro] aquelas palavras leves e aquelas palavras pesadas, não estarão ali também a separar dois mundos?

Joaquim: Sim

Prof: Que mundos?

Joaquim: O mundo dos sonhos e dos pesadelos.

Prof: Exactamente, pode ser. O mundo dos sonhos e dos pesadelos. Ou então, um mundo dos sonhos e um mundo†

Afonso: De prisão.

Prof: Então, temos um mundo dos sonhos e o de baixo, das palavras pesadas será o mundo sem sonhos, não? E neste poema, é precisamente o Sujeito poético, o que é que ele faz? O que é que ele descreve?

Alunos: Os sonhos.

Prof: E o pai? O que é que faz o pai?

Alunos: Fecha.

Prof. E ao fechar o que é que isso significa?

Amadeu: Tranca.

António: Encerra.

Prof: Sim, e quem é que fica aprisionado? Quem é que ele encerra?

Lúcio: Os sonhos.

Prof: Os sonhos, exactamente. Estas palavras, fechar, trancar, chave, são o oposto de lua, luz, sonhos porque é aquilo que tenta impedir o sujeito poético ~~de sonhar~~.

Alunos: ~~de sonhar~~.

Joaquim: Tranca os sonhos.

Prof: Exactamente. Então estas palavras leves associamos a “Liberdade” como vocês disseram e as palavras pesadas a “prisão”. E são ou não dois mundos diferentes de certa forma?

Alunos: Siiiiim.

Prof: Não dois mundos diferentes como o “Rapaz de Bronze”, mas são dois mundos diferentes também. Se fecharem os olhos, fechem todos os olhos, vá, fechem os olhos, e se eu disser “Sol, adormeço, saio, brisa”. Estas palavras o que é que vos transmitem?

Vasco: Serenidade.

Emília: Felicidade.

Prof: Serenidade, Porquê?

Vasco: Pelo som que elas transmitem.

Prof: Exactamente, pelo som que elas transmitem. E esta serenidade, se fecharmos os olhos até nos permite o que?

Vasco: Sonhar.

Prof: E normalmente nós sonhamos quando?

Alunos: De noite.

Prof: Ou seja, ouvir assim estas palavras com os olhos fechados não dará um bocadinho de †

Alunos: Sono

Prof: Sono. E o sono leva-nos ao?

Angelina: Sonho.

Prof: Sono, Sonho, duas palavras que para além de estarem relacionadas †

Angelina: São parecidas.

Prof: Exactamente, têm uma certa sonoridade. Esta sonoridade é conferida ao poema através do som /s/ e claro também noutras palavras pelo som /ʃ/. Portanto, estes sons que se repetem ao longo do poema traduzem-se num recurso expressivo. Qual é? - - - Os sons, a repetição dos sons?

Telmo: Enumeração.

Prof: Não. O recurso expressivo presente neste poema e que o podemos verificar através da repetição destes sons /s/ e /ʃ/ é a aliteração. Nunca tinham ouvido falar?

Alunos: Nãããã.

Prof: Pronto, a aliteração é a repetição de sons. Quando em qualquer texto, poético ou narrativo, se repetem sons, sons que nós verificamos que ficam, assim, no ouvido. Portanto o recurso de estilo presente neste poema é a aliteração. - - Então se tivéssemos que seleccionar duas palavras-chave deste poema, quais seriam?

Vasco: Chave?

Prof: Sim, duas palavras-chave.

Joaquim: “Sonho”.

Prof: E outra?

Vasco: “Pesadelos”.

Prof: “Pesadelos”, está escrito no poema? Duas palavras que se encontram no poema.

Emília: “Noite”.

Prof: Noite e sonhos. Exactamente, Noite e sonhos. Agora, na primeira estrofe, encontramos pelo menos duas expressões que retratam a liberdade do Sujeito Poético de uma forma muito poética. Olhem para a primeira estrofe e encontrem duas expressões que explicam a liberdade do Sujeito Poético. Amadeu?

Amadeu: “Cavalgar mistérios até de manhã”

Prof: Muito bem, “Cavalgar mistérios até de manhã”. O que é que significará “Cavalgar mistérios até de manhã”?

Emília: Sonhar a noite toda.

Prof: Muito bem. Cavalgar, um sinónimo de cavalgar?

S36

Joaquim: Galopar.

Adelaide: Andar.

Prof: Ou seja, esta palavra implica?

Vânia: Imaginação.

Vasco: Sonhos.

Prof: Exactamente, estes mistérios serão exactamente os sonhos do Sujeito Poético. E ainda outra expressão, ainda nessa estrofe, outra expressão que traduz este constante sonhar do poeta. Vânia?

Vânia: “Mas os meus sonhos não cabem na casa”.

Prof. Exactamente. ~~“Mas os meus sonhos não cabem na casa”.~~

Joaquim: ~~“Riscar a noite com um fio de luz”~~

S37

Prof: Muito bem. “Riscar a noite com um fio de luz”. O que é que significará? - - - Quando nós fazemos riscos numa folha, o que é que fica na folha?

Joaquim: Fica estragado, riscado.

Prof: Sim, mas fica essencialmente o quê?

Emília: Fica a marca.

Prof: A marca de quem?

Emília: De quem riscou.

Prof: Exacto, então riscar a noite pode ser?

Joaquim: Deixar as marcas.

Prof: Exactamente, deixar a marca do Sujeito Poético, pelos sonhos, pela noite. - - A segunda estrofe, inicia-se com?

Vasco: “ À Noite ”.

[A professora escreve “À Noite” no quadro]

Prof: Se eu disser, em vez de “à noite” disser “a noite”, será a mesma coisa?

Alunos: Nãããão.

Prof: Qual é a diferença? Angelina, qual é a diferença?

Angelina: - - -

Joaquim – Se eu disse “à noite” quer dizer que estamos na noite.

Prof: Sim. E o “a”? Qual é a diferença, Lurdes?

Lurdes: Esse “à” está a dizer, por exemplo, quando for a noite.

S38

Prof: Classifiquem os dois. Adelaide?

Adelaide: - - -

Prof: Joaquim?

Joaquim: Contracção da proposição “a” mais o artigo definido “a”.

Prof: Muito bem, ou seja, temos aqui no “à” uma contracção da preposição “a” com o artigo definido “a”. E então e o “a noite”?

Joaquim: É um determinante artigo definido feminino singular.

Prof: Exactamente.

[A professora faz um esquema no quadro com esta informação e os alunos copiam para o caderno diário.]

Prof: Vou pedir-vos que escrevam duas frases que se iniciem com estas duas formas “à noite” e “a noite”.

[Os alunos escrevem duas frases cada um. Uma delas com a expressão “à noite” e a outra com a expressão “a noite”. No final, cada aluno, lê a sua frase.]

Prof: Reparem agora no terceiro verso da segunda estrofe, que diz assim, “e não há chave, fecho ou tranca que encerre a porta larga dos meus sonhos”. Este “não há chave”, este “há” é o quê?

S39

Vasco: Existe.

Prof: Sim, é o “há” de?

Joaquim: Haver.

Prof: Forma verbal do verbo haver, muito bem. E se eu disser assim “Ah! Como eu gosto de sonhar!” Este “Ah!” é o quê?

S40

Alunos: Interjeição.

S41

Prof: Muito bem. Então todos estes “as” escrevem-se de forma diferente, não escrevem?

Alunos: Siiiiim.

Prof: E na oralidade, nota-se a diferença, entre estes diferentes “as”?

Alunos: Nãããão.

Prof: Então são palavras quê?

Alunos: homófonas.

Prof: Porquê?

Vasco: Porque têm o mesmo som.

Prof: E?

Joaquim: Com a grafia diferente.

Prof: Exactamente.

[Os alunos passam a informação para os seus cadernos diários.]

Prof: Na última estrofe, o sujeito poético diz “e não há chave, fecho ou tranca que encerre a porta larga dos meus sonhos”, esta porta larga, será uma porta verdadeira?

Alunos: Nãããão.

Prof: Então o que é que será esta porta larga?

Amadeu: O pensamento.

Emília: A imaginação.

Prof: Ou seja, esta porta larga é tudo o que...

Joaquim: Podemos Imaginar.

Prof: E diz assim, no terceiro verso da primeira estrofe, “ vai trancar o portão que dá para a rua”. E este “portão” aqui?

Joaquim: Já é uma porta.

Prof: Aqui sim, quando diz que o pai tranca o portão que dá para a rua, aqui efectivamente será um portão. Tem o mesmo significado que tem a porta larga?

Alunos: Nããããã.

Prof: Esta “porta larga”, tal como vocês disseram, é o pensamento e a imaginação. Então agora, vamos fechar os olhos, mas fechem mesmo, mais uma vez, e vamos imaginar que nesta sala há uma porta larga, uma porta larga que nos dá acesso a um outro lugar, um outro mundo. – Quem é que já viajou? Quem é que já viajou através dessa porta larga? Emília?

Emília: Eu! Para um mundo diferente.

Prof: Para um mundo diferente, que mundo?

Emília: Da fantasia.

Prof: Mais? Vasco?

Vasco: Da imaginação.

Prof: E o que é que se vê nesse mundo da imaginação. O que é que se vê de concreto? O que é que conseguem ver? Imaginem efectivamente uma porta larga, entramos e o que é que vemos?

Joaquim: Um mundo diferente.

Prof: E é diferente como, esse mundo? – Será um mundo como o de “O Rapaz de Bronze” onde as flores à noite ganham vida?

Alunos: Sim.

Prof: Então, cada um de vocês vai imaginar o seu mundo, cada um tem uma porta larga, cada um vai para onde quiser, não precisam de ir todos para o mesmo lugar. É uma viagem.

Atravessaram uma porta larga, para um mundo diferente. - - - E se para esse mundo diferente pudessem levar alguém, quem levariam? [A professora vai escrevendo no quadro a informação que os alunos vão dizendo]

Telmo: A minha mãe.

Prof: A tua mãe... Mas não podes levar a tua mãe! Tens que levar uma personagem de algum dos livros que já tenha sido estudado em aula ou outro que tenhas lido em casa, uma personagem.

Telmo: Levava a Florinda.

Prof: Emília?

S42

Emília: A bruxinha Lili.

Prof: E como é que levavas a bruxinha Lili?

Emília: Na vassoura.

Prof: E o que é que fazias com a bruxinha Lili nesse mundo diferente?

Emília: Brincava.

Prof: Brincavas!

Vasco: Eu levava o Ulisses.

Prof: Levavas o Ulisses. E como é que ias com o Ulisses para esse mundo diferente?

Vasco: De barco.

Prof: O que eu quero é que coloquem a imaginação a funcionar, que saiam por essa porta larga, que utilizem a porta larga do Sujeito Poético do poema e que imaginem esse mundo diferente. Quero que pensem em quem levavam para esse mundo diferente, como e o que fariam. Vão escrever um pequeno texto onde expliquem para onde iam através dessa porta larga, com quem, como e para fazer o quê.

[A aula termina com a escrita de um texto pelos alunos e respectiva leitura da mesmo aos colegas. Depois da leitura a professora escreve o sumário no quadro e os alunos copiam para o caderno diário.]

[Duração da transcrição em torno da análise de texto: 57'30s.]